

COSTADOAT, Jorge. *Revelación y tradición em la teología Latinoamericana*. Chile: Centro Teológico Manuel Larraín, 2022. 194 p. (Coleção Indagaciones Teológicas). ISBN 978-956-410-340-2.

O livro do teólogo jesuíta chileno Jorge Costadoat, *Revelación y tradición em la teología Latinoamericana*, apresenta mais do que uma síntese de como a teologia latino-americana se apropriou e desenvolveu os conceitos-chaves de *revelação* e *tradição* para o fazer teológico. O autor é doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, integrante do Centro Teológico Manuel Larraín, professor de trindade e cristologia pela Universidade Católica do Chile, pesquisador da cristologia latino-americana, e, principalmente, envolvido como irmão e companheiro em uma comunidade eclesial que vive sua fé.

A questão fundamental que o autor analisa é a afirmação de que a teologia latino-americana inaugura uma nova forma de fazer teologia. Para isso, o autor procura demonstrar que os teólogos e teólogas latinos/as se apropriaram de forma fiel, criativa e ousada dos conceitos de revelação e tradição para uma nova teologia. Nesse processo, o teólogo/a também é questionado/a quanto o seu lugar e papel em relação com o objeto de sua teologia.

Se o Concílio Vaticano II foi uma nova primavera para a Igreja, a teologia latino-americana ofereceu e consagrou os seus esforços para que o espírito do Concílio se encarnasse diante das questões que as realidades dos povos latino-americanos levantam para a fé cristã. Para o autor, a teologia lida essencialmente com a fé que não pode ser outra coisa senão práxis enquanto resposta a um contexto concreto. Desta forma, a obra está situada entre as inspirações do Vaticano II, especialmente nas constituições *Gaudium et Spes* e na *Dei Verbum*, e em manuais de teólogos e teólogas contemporâneos comprometidos/as com a

reflexão teológica latino-americana.

O autor não dedica uma seção específica para apreciar os conceitos de revelação e tradição nas fontes do Concílio como faz com cada teólogo/a convidado/a de forma bem discernida. Porém, ele cuidadosamente situa com frequência tais conceitos próprios dos horizontes pré-conciliar e pós-conciliar. Além disso, o autor usa "teologia latino-americana" e "teologia da libertação" como sinônimas. Ele parte do princípio de que a teologia da libertação é uma inspiração e produção teológica própria da América Latina.

O livro está organizado em três partes. Na primeira seção da primeira parte, o autor trata de como a ideia de revelação permeia o horizonte dos teólogos/as da libertação. Aqui ele dialoga principalmente com oito grandes teólogos/as como Pedro Trigo, Jesús Herrera, Carlos Mesters, Elsa Tamez, entre outros. Porém, ele explora apenas elementos específicos de cada teólogo/a que contribuem para a teologia latino-americana. Por exemplo, em Pedro Trigo, interessa os elementos para uma teologia pneumatológica e trinitária e, em Pablo Richard e Carlos Mesters, uma originalidade hermenêutica. Isso justifica-se pelo fato de que a teologia latino-americana é uma construção coletiva que comparte de elementos comuns e enriquecida também pela pluralidade dos caminhos que buscam responder a revelação de Deus no hoje da história. Essa é a tese fundamental da primeira seção e que constituirá a afirmação de fundo de toda a obra: Deus fala na história. A questão que surge de início e que seguirá até o fim é se esse lugar onde Deus fala configura um lugar teológico. Ou seja, um lugar autêntico em que não só se escuta a voz de Deus, mas também a partir do qual se pode reconhecê-la, sendo assim, um lugar epistêmico.

Para o autor, a teologia ou é contextual ou não é teologia. A teologia latino-americana deu um contexto para a teologia. Em outras palavras, a Teologia da Libertação deu uma casa, um mundo, um lugar, para uma teologia outrora desencarnada e abstrata. Nessa investigação, o autor nota um deslocamento semântico das categorias tradicionais como as apresentadas no manual de Melchor Cano. Aqui reside uma das grandes contribuições deste livro: a compreensão da diferença semântica de "lugar teológico" e "lugar hermenêutico". Uma das teses fundamentais do autor é que alguns/as teólogos/as usam "lugar teológico" como "lugar hermenêutico", distanciando-se, assim, do conceito tradicional de lugar teológico. Ele observa também que alguns/as teólogos/as vão mais longe que outros/as no uso semântico do termo. Além disso, teologias derivadas da teologia da libertação, como a teologia feminista e indígena, também ensaiam uma forma de afirmar que o objeto contextual da teologia configura um lugar teológico. No entanto, ao analisar o manual de cada teólogo/a, o autor conclui que nenhum/a foi tão longe quanto ao que o Espírito parece provocar.

A segunda seção da primeira parte é reservada para a "questão Sobrino" e tudo o que ela simboliza para a Teologia da Libertação. O autor apresenta o pensamento de Jon Sobrino destacando a sua teologia profundamente comprometida com a *práxis* cristã de libertação dos pobres. Para o teólogo jesuíta espanhol radicado na vida dos pobres latino-americanos a ortopraxia tem primazia à ortodoxia. Porém, para ele a *práxis* é o lugar da verdade da revelação.

Somente no seguimento à pessoa de Jesus de Nazaré é que se pode falar de revelação cristã. Por um lado, o autor situa os possíveis lugares de incompreensão da teologia de Sobrino por parte da Congregação da Doutrina para a Fé na sua notificação ao teólogo jesuíta. Por outro lado, o autor também faz notar as ambiguidades conceituais na obra de Sobrino que emprega o mundo dos pobres não só como o “desde onde” Deus fala, mas como o “onde” Deus fala e é reconhecido. Dessa maneira, seria os pobres, e não a Igreja ou outra fonte, a fonte de reconhecimento da revelação. O autor conclui a primeira parte da obra constatando que há não só uma mutação no conceito de revelação, mas também no de tradição.

A segunda parte segue a reflexão sobre a revelação, mas agora relacionando-a de forma direta com o conceito de tradição. A estrutura segue a mesma da primeira parte. Na primeira seção o autor recorre aos manuais de três teólogos que, entre outros, são referenciais na América Latina: Antônio Bentué, Sérgio Silva e João Batista Libânio. Ao primeiro pela preocupação do problema de sentindo e a uma possível resposta a crítica de Marx à religião. O segundo pelo seu interesse em responder as demandas de cada cultura latino-americana. Por fim, o terceiro pela sua preocupação com a transmissão da fé na modernidade que se deve dar como reapropriação. O autor conclui que nenhum dos três teólogos conseguiram postular uma mudança radical no conceito de tradição de tal forma que não há como esperar que os pobres e a revelação atual tragam algo de novo do já revelado nas fontes tradicionais.

A segunda seção da segunda parte trata de distinguir o característico e a novidade do conceito de tradição na Teologia da Libertação. O autor não se dá por satisfeito diante da não afirmação categórica da novidade revelada nos pobres. Aqui ele destaca como novidade a necessidade de situar o fazer teológico em um contexto histórico e que a revelação pode consistir em uma Palavra atual de Deus. Para superar os limites impostos pelo conceito clássico de tradição, o autor recorre a Pedro Trigo e sua pneumatologia para dizer que a tradição é um elemento vivo e criativo. Ela é “constituída” e “constituente”. A constituinte não muda, mas a constituída é a continuação desta na fé concreta da comunidade. Há uma novidade na forma de entender a tradição. Para Juan Luis Segundo, ela é uma forma de “comunicação”, mas não no sentido de transmitir informação ou conteúdos, e sim no sentido de “aprender a aprender”. Desse modo, a tradição constituinte funciona como conhecimento prático para reconhecer a voz de Deus sempre nova e a atual.

A terceira parte da obra trata do/a teólogo/a da libertação, seu lugar e ofício de ajudar as comunidades a articular, assim como faz o Magistério, Revelação e Tradição. O autor tematiza o teólogo/a e sua “atividade teológica profissional” enraizado na sua experiência de fé. Ele é crítico a uma fazer teológico “desde fora” e com ferramentas que não transcendem aquelas das ciências humanas. Por conseguinte, ele conclui apresentando três questões de fundo.

A primeira questão é a necessidade do/a teólogo/a de se colocar também como aquele/a que aprende da massa. A segunda questão é que o/a teóloga/a deve se valer dos elementos da fé e da revelação e não se ancorar somente nas

ferramentas sociais e políticas. Em vários momentos o autor destaca que o método da teologia latino-americana é indutivo. Porém, muito limitadamente ele destaca o caráter transcendental do método teólogo ao longo da sua obra.

A última questão se refere ao teólogo/a enquanto parte da comunidade e de sua relação e identificação com o contexto do seu objeto teológico. Nesse sentido, o autor destaca a teologia feminista que é feita por mulheres e a teologia indígena feita por indígenas. Isso não impede que teólogos/as não pertencentes as tais comunidades não tenham uma voz ou algo a dizer. A visão do autor provoca o/a teólogo/a a fazer teologia a partir do seu mundo, a assumir um mundo.

Nesta última parte da obra o autor oferece grande contribuição ao tratar não apenas o contexto ou o tema da teologia, mas também em associar o/a teólogo/a e o seu mundo. Por outro lado, uma questão que poderia ser levantada é o perigo de se fechar em uma teologia monotemática em que o indígena só pode fazer teologia indígena enquanto tematiza o mundo indígena, a mulher só faz teologia feminista enquanto tematiza a questão do feminino. Uma leitura atenta da obra pode levar a superar um possível equívoco de dizer que um homem como Jesus de Nazaré não tenha uma palavra autêntica a dizer às mulheres, aos indígenas, aos pobres do nosso tempo. Salvas as proporções, constatamos atividades teológicas de homens europeus que se inseriram no mundo dos pobres e grupos étnicos e conseguiram falar teologicamente a partir deles e com eles.

*José Célio dos Santos*¹

1. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG, Brasil. Bolsista da FAPEMIG.